

COMPREENDER PARA SERVIR: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil

Nathan Zanzoni Itaborahy

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
nitaborahy@ufmg.br

Raphael Fernando Diniz

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Bolsista FAPESP.
dinizrf@outlook.com

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir a importância do trabalho de campo para além do mero ato de investigação, considerando a pesquisa participante como uma oportunidade de ressignificar as nossas visões do “outro”, refletir sobre a nossa postura perante as comunidades e, especialmente, sobre a responsabilidade de divulgar os resultados de nossas pesquisas. Os trabalhos de campo que deram origem a este texto foram realizados em comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha-MG, quando tivemos a oportunidade de experimentar parte da vida dos indivíduos pesquisados, conhecendo melhor sua cultura e dialogando com suas famílias sobre as histórias do lugar. Sendo resultado de trabalhos de campo feito por dois pesquisadores, este texto traz visões diferentes sobre a mesma realidade, demonstrando as suas impressões sobre os locais pesquisados, sua gente e cultura e, em especial, sobre a ciência pensada e praticada por ambos. As discussões aqui realizadas remetem ao formato de um “ensaio dialógico”, que condensa quatro partes escritas em conjunto e outras duas individualmente. A partir das reflexões feitas, esperamos contribuir no debate sobre a importância da pesquisa participativa na realização dos trabalhos de campo, na formação de pesquisadores e, principalmente, a construção de uma ciência que tem por objetivo orientador a produção de conhecimentos que possibilitem aos indivíduos pesquisados obter ferramentas para poder mudar o seu meio e valorizar sua cultura, história e lugar.

Palavras-chave: Pesquisa Participante; Trabalho de Campo; Vale do Jequitinhonha/MG, Comunidades Quilombolas.

UNDERSTANDING TO COLLABORATE: participant research experience in fieldwork in rural communities in the Jequitinhonha Valley, Minas Gerais – Brazil

ABSTRACT

This paper aims to discuss the importance of fieldwork beyond mere investigative act, considering this practical research as an opportunity of resignifying our visions towards the “other”, reflect about our posture before the community and specially about the responsibility of disclosing the results of our research. The fieldwork that gave source to theses reflections were performed in quilombola communities from Vale do Jequitinhonha of Minas Gerais, when we had the opportunity of experiencing

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

part of the day life of the individuals researched, knowing better their culture and dialoging with their families about the stories from the place. Being a result of fieldwork made by two researchers, this text brings different views about the same reality, demonstrating their impressions about the places researched, their people and culture, and overall, about the science idealized and practiced. In fact, the discussions dealt here remit the format of a “dialogical essay” that condenses four parts written together and others individually. From the reflections made, we hope contributing the debate about the importance of participative research in performing fieldwork, in forming of researchers and, mainly, constructing a science that has the guiding goal of producing knowledge that enables the researched individuals having tools to power changing their lives and valorize their culture, history and place.

Keywords: Participative Research; Fieldwork; Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais/Brasil; Quilombola Communities.

INTRODUÇÃO

Por Raphael Diniz e Nathan Itaborahy

É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende **compreender para servir** (BRANDÃO, 1981, p. 12, **grifo nosso**).

Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Região de acentuados contrastes sociais, econômicos e paisagísticos. Na literatura dos naturalistas que por ali passaram entre os séculos XVIII-XIX (SAINT-HILAIRE, 1975[1830]; SPIX E VON MARTIUS, 1981[1828]; POHL, 1976[1832-37], entre outros) o “Jequitinhonha” é retratado como uma terra de belezas cênicas singulares, moldada por formações vegetacionais de cerrados, caatingas e mata atlântica, e, sobretudo, local de morada de distintos povos indígenas, alguns “mansos” e “indolentes”, outros “rudes” e “antropófagos”.

Mais de um século depois, parte da literatura produzida sobre esta região sugere o cenário de uma terra de “arcaísmo” e “estagnação” socioeconômica, onde a *seca* (e não as cercas!) sintetiza toda “miséria” ali existente. Através dos *rótulos* e dos *números*, as pesquisas atribuem ao Vale a condição de região “mais carente” de Minas Gerais, quicá do Brasil.

A insistência com que a questão social do Vale do Jequitinhonha é centralizada na elevação dos níveis de renda evidencia como uma aliança entre rótulos e números quer imputar atributos negativos a uma sociedade, tais como ausência de atividade econômica significativa, fraco dinamismo dos atores envolvidos, tradicionalismo, de modo que a expansão de atividades fundadas no lucro capitalista se tornem remédio *par excellence* para o desenvolvimento, trazendo, enfim, vida para onde supostamente existem apenas um povo moribundo e uma terra agonizante (MOURA, 1988, p.5).

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Desde então, esta foi a visão que permaneceu no imaginário social sobre o Vale do Jequitinhonha, reforçada, amiúde, pelos noticiários na imprensa sobre os *flagelados da seca*, a *miséria* e a *fome* que, supostamente, obrigavam centenas de famílias a migrar para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida e trabalho.

Passadas mais de quatro décadas da construção desta imagem do Vale como uma região de “extrema pobreza”, nos questionamos: será mesmo, esta região, um lugar “pobre”? Se for, de que “pobreza” estamos falando: baseada apenas na dimensão econômica ou em diversas outras dimensões relacionadas à vida dos homens? Existe “outro” Jequitinhonha além daquele que costumeiramente observamos nos noticiários da imprensa e nos discursos do Estado?

Pensamos que as respostas a estas e outras inquietações devem ser encontradas através do estabelecimento de contatos mais diretos, abertos e desprovidos de tantos pré-conceitos referentes aos sujeitos e comunidades do Vale, permitindo-nos experimentar e produzir novas imagens para além daquelas construídas pelo discurso oficial dos meios de comunicação e do Estado.

Neste sentido, entendemos que a prática do trabalho de campo pode trazer importantes contribuições, possibilitando aos pesquisadores a aproximação com a diversidade socioespacial e sociocultural do Vale, de suas populações e territórios.

No entanto, diferentemente de um estudo realizado apenas com a aplicação de questionários e entrevistas, o trabalho de campo aqui proposto se orientou por outros caminhos, nos quais novas percepções se revelaram na espontaneidade, hospitalidade e cordialidade dos homens e mulheres visitados; nos diálogos despretensiosos estabelecidos em suas residências e durante a participação nas atividades que faziam parte de seu cotidiano.

O trabalho de campo, assim proposto (e realizado), apresenta-se de forma semelhante à *travessia roseana* de Riobaldo Tatarana pelos sertões mineiro e goiano (GUIMARÃES ROSA, 1956), na qual o *real* não se revela na chegada às comunidades ou no último dia de nossa saída, mas durante todo o percurso que medeia os encontros e desencontros com os sujeitos pesquisados, com seus sistemas de valores e princípios, com suas relações sociais e culturais em comunidade.

Além de possibilitar um encontro com o “real” dos sujeitos e seus lugares, a *travessia* da pesquisa de campo é também um momento de reflexão crítica sobre a nossa postura diante das crenças, saberes e modos de vida dos sujeitos com os quais dialogamos, e, em

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

especial, sobre a responsabilidade que temos em lhes divulgar os resultados dos estudos produzidos sobre suas comunidades.

Neste sentido, mais do que um instrumento limitado a um roteiro pré-determinado para nossas investigações, o trabalho de campo deve ser suficientemente flexível e espontâneo, participativo e dialógico, aberto às intervenções do “outro”, às suas dúvidas, angústias e anseios. Para nós, cientistas sociais (antropólogos, geógrafos, sociólogos etc.), o trabalho de campo é um momento de reencontros e (re)descobertas, não só de um sujeito ou objeto de investigação, mas, sobretudo, de nós mesmos, de nosso etnocentrismo, nossas ações e valores, de nossas limitações e do que julgamos conhecer ou desconhecer.

Com base nestas considerações preliminares, propomos, neste texto, repensar o trabalho de campo em nossas práticas de pesquisa, considerando-o como um momento em que devemos assumir não só a postura de pesquisadores ou sujeitos “externos” à comunidade, mas, também, de indivíduos dispostos a escutar e dialogar com os sujeitos do lugar, a compartilhar suas experiências e visões de mundo, de estarmos abertos aos seus *saberes e sabores* e, de modo especial, dar voz a sujeitos que durante muito tempo foram emudecidos pelas pesquisas orientadas pelos paradigmas do positivismo científico.

Para consecução destes objetivos, refletimos a seguir sobre os debates realizados dentro do campo disciplinar da Geografia a respeito da importância do trabalho de campo na prática de pesquisa dos geógrafos, fundamentando-nos em diversas leituras que problematizam e constroem novas e críticas interpretações sobre este instrumento fundamental do fazer geográfico.

Nos tópicos seguintes apresentamos as experiências vivenciadas durante os trabalhos de campo que deram origem ao texto, buscando dialogar teórica e conceitualmente com as discussões realizadas no tópico anterior e propor novas interpretações e concepções deste instrumento de pesquisa empregado frequentemente na produção do conhecimento geográfico.

O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA: um instrumento científico e político do fazer geográfico

Por Raphael Diniz e Nathan Itaborahy

No âmbito da ciência geográfica o trabalho de campo se constitui como um tradicional instrumento de produção do conhecimento, utilizado com frequência pelos pesquisadores, estudantes e professores, sendo considerado de fundamental importância

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

para melhor conhecer e analisar as espaço-temporalidades de grupo sociais, fenômenos e processos socioeconômicos, naturais e socioculturais e, a partir disso, discutir de forma crítica a *teoria* e a *empíria* em suas relações dialéticas e indissociáveis.

No entanto, a carência de reflexividade sobre a natureza deste instrumento de pesquisa pode limitar/prejudicar a análise dos dados produzidos a partir dos estudos empreendidos durante a investigação, comprometendo o debate crítico com as teorias, metodologias e conceitos de análise geográfica.

Com efeito, tal constatação implica reconhecer, conforme aponta Serpa (2006), a necessidade de se revelar, através do trabalho de campo, a diversidade de recortes, análises e conceituações que se pode fazer do *espaço geográfico*, os quais são definidos segundo os questionamentos, metas e propósitos delimitados para cada pesquisa. Ademais, de acordo com o autor, o trabalho de campo tem uma notável importância para a superação de *dicotomias* e *ambiguidades* que são, amiúde, inerentes aos conhecimentos produzidos na Geografia, devendo ser superadas por uma análise que articule o *natural* e o *social*, o *econômico*, o *político*, o *cultural* e o *territorial*, baseando-se na *totalidade do espaço*. E, de modo especial, no exercício do trabalho de campo não se deve ocorrer a separação entre *teoria* e *metodologia*, *teoria* e *empíria*, pois teoria e trabalho de campo são dois lados da mesma moeda. A esse respeito, os apontamentos de Alentejano & Rocha-Leão (2006, p. 57) são bastante esclarecedores:

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos.

Lacoste (2006[1977]), por sua parte, argumenta que é preciso considerar em campo os problemas observados no espaço como pertencentes não apenas a um quadro “local”, mas enquanto questões que estão indissociavelmente relacionadas a fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas, o que torna indispensável, por conseguinte, a articulação do trabalho de campo a uma reflexão teórica. Através do duplo exercício de articulação entre as escalas *local-regional-global* e entre *teoria-empíria* podemos construir, de acordo com Alentejano & Rocha-Leão (2006), uma interpretação geográfica da realidade em estudo, transitando do particular para o geral e retornando a este e, concomitantemente, relacionando teoria e empíria e vice-versa.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Neste sentido, o trabalho de campo se configura como um instrumento que pode contribuir sobremaneira para o desvendamento dos mecanismos de dominação, exploração e subordinação das classes trabalhadoras no campo e nas cidades pelas classes hegemônicas, tornando, destarte, a Geografia um campo disciplinar cada vez mais vinculado à teoria social crítica, voltada à transformação da realidade, ao empoderamento e emancipação social dos sujeitos hegemonzados (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006).

A esse respeito, cumpre fazer referência às reflexões de Kayser (2006[1978]), para o qual a pesquisa de campo do geógrafo tem um propósito muito mais amplo do que apenas a delimitação do espaço e o estudo da relação do homem com este espaço, constituindo-se, de outro modo, numa prática que tem por finalidade descobrir, dentro da complexidade e globalidade que envolve o espaço, a realidade de um sub-sistema social localizado. Por isso, conforme ressalta o geógrafo francês:

Neste caso trata-se de um verdadeiro levantamento de terreno. Se este levantamento deseja atingir o cerne da realidade para coletar elementos necessários à análise e à explicação, ele deverá penetrar nas forças e nas relações de produção, explorar os níveis ideológicos, político e cultural da dinâmica social (KAYSER, 2006[1978], p. 96).

Complementarmente, Kayser (2006[1978]) ressalta que a pesquisa de campo é essencial à análise da *situação: social*, a qual se constitui num produto da história, da luta de classes, e *local*, que é, na realidade, o sub-sistema do metasistema representando a formação social. Ou seja, tomando por base estas considerações, deve-se buscar na pesquisa de campo o apreender em termos sistêmicos, a análise do funcionamento, dos processos que configuram e animam o *sistema social*, do qual o espaço é um elemento indissociável (KAYSER, 2006[1978]).

Observa-se, a partir das reflexões construídas por estes geógrafos, que o trabalho de campo se constitui num *instrumento científico* de inquestionável importância à produção do conhecimento geográfico, o qual tem entre suas finalidades principais o desvendamento das relações (de conflituosidade) e processos (dialéticos) socioespaciais que animam e dão vida à organização e produção do espaço.

No entanto, cumpre também ressaltar que indissociavelmente ligada a esta dimensão *científica* do trabalho de campo há outra dimensão de notável importância para a pesquisa em geografia: a *política*.

Tal dimensão se faz presente no trabalho de campo a partir do comprometimento do pesquisador com o projeto político dos grupos que são “objetos” de seu estudo, tendo

Compreender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

por finalidade construir um conhecimento que possa ser instrumento de empoderamento e emancipação social destes grupos. Esta perspectiva está vinculada ao uso do *método dialético* enquanto ferramenta de execução da pesquisa, tendo em vista que, conforme apontado por Suertegaray (2002), a pesquisa é entendida enquanto um fruto da interação dialética entre sujeito e objeto, e dessa compreensão resulta:

O conceito de PRÁXIS e a concepção de que estamos no mundo para pensá-lo e transformá-lo. Pesquisar pressupõe reconhecer para intervir. Esta concepção metodológica informa que a consciência do mundo forjava-se/forja-se coletivamente e as transformações dar-se-iam ou dar-se-ão pela unificação das lutas (pelo coletivo dos trabalhadores). A pesquisa de campo é o conhecimento feito através da vivência em transformação (SUERTEGARAY, 2002, p. 65).

A pesquisa se coloca, assim, à serviço de seus *sujeitos*. Passa a ser construída por suas próprias perspectivas e problematizações. Há, aqui, uma virada fundamental na relação sujeito-objeto: passamos a entender o “objeto de pesquisa” não com algo geométrico, mensurável e qualificável, mas sim como sujeitos, portanto, vidas, vozes, práticas, saberes, dilemas e belezas em movimento, dispostos a transformação do movimento do mundo. Somente assim é possível construir uma ideia de ciência e universidade comprometidas com algum tipo de transformação social: propondo o diálogo desde um mesmo patamar, disposto as interferências inevitáveis e recíprocas; assumindo o conteúdo humano do pesquisar.

Aqui nos aproximamos do esforço dos “trabalhos de tradução”, como nos ensina Boaventura Sousa Santos (2006, p. 4), aquilo que permite “criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir a sua identidade”. Nesse sentido, procuraremos expor o trabalho de campo como esse esforço de construção de uma relação, e não como a leitura de um objeto, como “ente” dado.

APROXIMAÇÕES: primeiras impressões sobre o lugar e sobre o trabalho de campo

Por Raphael Diniz e Nathan Itaborahy

O trabalho de campo que deu origem a este texto foi realizado nas comunidades quilombolas de Santiago, São Pedro do Alagadiço e Quilombo, localizadas na região sudeste do município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG (FIG. 1), em um território historicamente marcado por conflitos entre as famílias quilombolas, grileiros e latifundiários invasores de terras. Estas comunidades são reconhecidas como *remanescentes de*

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

quilombos desde 2005, ano em que se iniciou o processo de *reterritorialização* de suas famílias com a titulação das terras onde residem e, sobretudo, com a recuperação de parte dos terrenos invadidos nas décadas de 1980 e 1990 por grandes fazendeiros e grileiros¹.

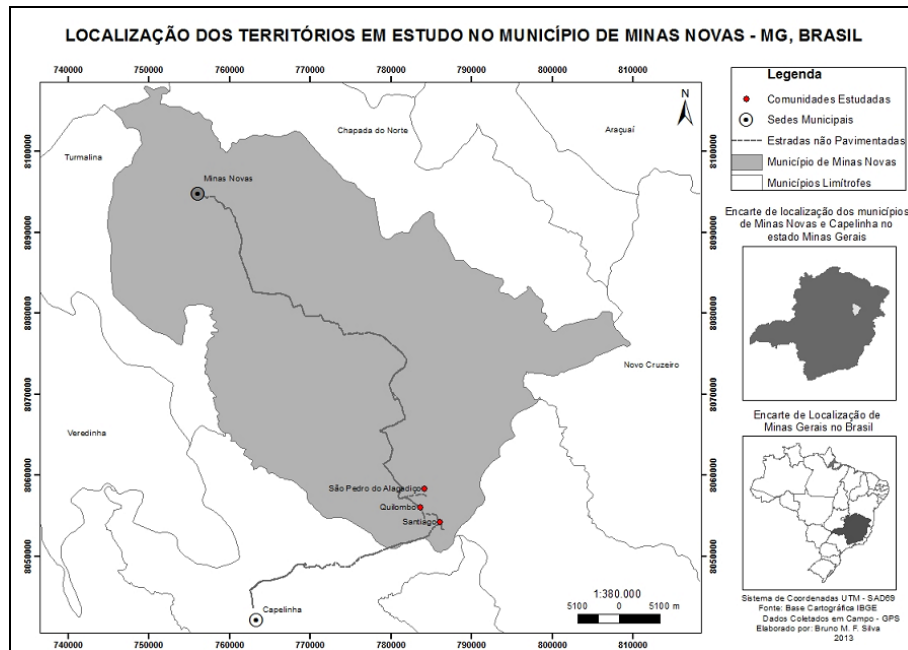


Figura 01 – Localização das comunidades remanescentes de quilombos de Santiago, São Pedro do Alagadiço e Quilombo no Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG.

No território das três comunidades vivem atualmente cerca de 70 famílias, com uma população aproximada de 350 de indivíduos, predominando os idosos e adultos, visto que grande parte da população jovem migrou para cidades da região (Capelinha e Minas Novas) ou para grandes centros urbanos do país, sobretudo para o Rio de Janeiro. Parcela significativa dos indivíduos adultos e idosos não sabe ler nem escrever, uma vez que somente em décadas recentes é que foi construída uma escola na comunidade de Santiago, que atende as crianças até o quinto ano do Ensino Fundamental, sendo o restante dos demais anos completados na comunidade de Cabeceiras do Ribeirão da Folha, vizinha ao território estudado. Além de uma escola, as comunidades contam também com atendimento médico mensal que é realizado na sede da Associação Quilombola (sediada em Quilombo) e com transporte público disponibilizado a cada 15 dias pela prefeitura de Minas Novas para levar os produtos dos agricultores até a feira livre na sede municipal.

Em meio aos comentários sobre os quintais agroflorestais² dos agricultores quilombolas visitados, tecíamos breves reflexões a respeito dos sentidos do trabalho de

¹ Para mais informações acerca da formação geo-histórica destes territórios ver Diniz (2013).

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

campo em nossas vidas. Percebíamos a sutileza engrandecedora da presença do outro em nossas visões de mundo. Brindávamos a oportunidade compartilhada, as geografias experimentadas naqueles quatro dias de campo no Vale do Jequitinhonha.

Enquanto um pesquisador – Nathan Itaborahy – visitava as comunidades quilombolas pela primeira vez, o outro – Raphael Diniz – voltava para apresentar alguns resultados preliminares de sua pesquisa às famílias que residem nestes territórios, além de dar continuidade a outras investigações de sua dissertação. Experimentávamos juntos a surpresa e o retorno, os encontros e desencontros, o desconhecido e o familiar que se entrelaçavam no cotidiano da pesquisa.

Durante a ocasião em que permanecemos em campo, entre os dias 24 a 27 de janeiro de 2013, as comunidades viviam a organização do *I Seminário Local para o Planejamento de Atividades* do ano em questão, coordenado pela Associação Quilombola do Quilombo (ASPOQUI³). Pudemos vivenciar nos dias que antecederam o evento as expectativas e o empenho dos moradores em sua construção coletiva. Frutas, verduras, *quitandas*, frangos e demais ingredientes utilizados no preparo do almoço chegavam de todas as partes. Percebíamos, nestes momentos, a riqueza e a fartura de um lugar que muitos ainda insistem em enxergar como *terra árida e miserável...*

Já nos momentos em que se realizava o seminário, engajamo-nos não só em seu registro, como também na participação dos grupos de trabalho (GTs), na plenária final e na apresentação de dois vídeos⁴ produzidos por Raphael Diniz referentes às tradicionais atividades de produção do cuscuz e da farinha de mandioca, alimentos típicos da culinária destes quilombos. Nestes instantes observávamos a reação curiosa e atenta dos agricultores e agricultoras quilombolas diante dos vídeos gravados em suas comunidades, num exemplo da ciência que se deixa emocionar e se envolver com os seus “objetos” e “sujeitos” de investigação.

² São espaços localizados no entorno das residências das famílias quilombolas onde culturas como hortaliças, frutíferas, mandiocas e cafeeiros são cultivadas junto a árvores nativas e pequenos animais, como galináceos e suínos. Mais detalhes sobre os quintais agroflorestais consultar Diniz (2013).

³ A ASPOQUI foi criada em 1996, graças às experiências obtidas pelas famílias quilombolas com plantios coletivos de cafeeiros e mandiocais. Por meio, então, da Associação, os agricultores destas comunidades começaram a se organizar politicamente, estabelecendo relações mais próximas com outras entidades, como o Sindicato Rural, a EMATER-MG e algumas ONGs (como a ASCOPI – Associação Comunitária de Promoção e Incentivo aos Grupos de Produção Alternativa de Minas Novas), além de criarem possibilidades de terem acesso a projetos governamentais de desenvolvimento comunitário e, sobretudo, requerer o título de propriedade das terras onde tinham apenas o domínio de *posse*. A Associação foi reconhecida como “quilombola” em 2005 e desde então tem atuado na organização política dos seus membros com o objetivo de fortalecer a sua identidade afro-brasileira, obter a titulação do território quilombola e organizar projetos de desenvolvimento comunitário.

⁴ Os vídeos encontram-se disponíveis no *Youtube* através dos links:

Farinha de Mandioca: <<https://www.youtube.com/watch?v=WHlh6YxEaAo>>.

Cuscuz: <https://www.youtube.com/watch?v=sobU8mHLp_4>.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Dispusemo-nos, assim, em colaborar sempre que possível com a realização das diversas tarefas que surgiam durante o encontro das comunidades. Nestes momentos, sentíamos que o trabalho de campo se transformava em um ato que transcendia a mera busca de respostas para as nossas inquietações, transformando-se em uma relevante oportunidade de estabelecermos vínculos mais próximos com os sujeitos visitados e, em especial, de levar até eles um retorno mínimo dos resultados preliminares produzidos na dissertação. Com isso, buscávamos nos orientar pelas sugestões do geógrafo francês Yves Lacoste, o qual argumenta que:

É preciso não parar a pesquisa, atitude negativa e perfeitamente irrealista, mas esforçar-se em comunicar os resultados aos homens e às mulheres que foram objetos delas, pois estes resultados conferem poder a quem os detém (LACOSTE, 2006[1977], p. 78).

No decorrer do evento, Nathan Itaborahy é apresentado a todos os participantes através das ações e falas da gente do lugar. Percebe-os através da reciprocidade das atitudes do companheiro de pesquisa, que apresenta as comunidades sob seu olhar pessoal. Vivencia a produção do *beiju* e do *bolo cabo de machado*⁵ (conhecido também como *bolo de folha*, por ser feito na folha da bananeira) por Dona Maria Rodrigues (FIG. 2 e 3). Auxilia Raphael Diniz na filmagem da produção da flauta de taquara, projetada pelo Sr. Manoelzinho Moreira⁶. Encanta-se com as descobertas da arte que brota de um território de diversidade. Ao observar os cafés cultivados nos quintais dos agricultores se lembra de sua pesquisa na comunidade quilombola de São Pedro de Cima, situada no município de Divino, Zona da Mata mineira. Se vê olhando para elas de um lugar privilegiado, que permite ricas articulações e reflexões com sua pesquisa de mestrado.

⁵ O bolo “cabo de machado” é produzido com fubá mimoso, farinha de trigo com fermento, sal, rapadura, manteiga, leite, ovos, óleo e bicarbonato de sódio. Sua produção foi gravada e transformada em um vídeo, o qual encontra-se disponível através do link: <<https://www.youtube.com/watch?v=eCP2T48APLU>>.

⁶ As gravações realizadas em campo foram editadas e transformadas em um vídeo, o qual encontra-se disponível para visualização no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=POW8w8aRzXU>>.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz



Figura 02 – Produção do *beiju* feito com goma [polvilho] de mandioca, rapadura e sal. Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG.
 Fonte: Pesquisa de Campo, janeiro de 2013.



Figura 03 – Corte da folha de bananeira para produção do *bolo cabo de machado*. À esquerda, Nathan, ajudando Rita, agricultora da Comunidade do Quilombo, em uma das etapas da produção deste bolo. Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG.
 Fonte: Pesquisa de Campo, janeiro de 2013.

Da própria naturalidade que o convívio do trabalho de campo possibilita, emerge um debate teórico-metodológico sobre a pesquisa em geografia, revelando seus sentidos existenciais, epistemológicos e políticos. Pudemos, com efeito, olhar para a comunidade e para nós mesmos, questionando os *lugares* que ocupamos e a geografia que queremos fazer.

Dessa forma, objetivamos com este texto demonstrar e refletir sobre os efeitos da pesquisa participante nas comunidades (BRANDÃO, 1981), em nossa formação acadêmica e em nosso fazer geográfico, ressaltando a diversidade de olhares e vivências sobre os lugares visitados e sua gente. Tais efeitos, a propósito, são carregados de expectativas e intenções que projetam imagens da ciência que queremos, propomos e construímos;

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

desenham as geografias que objetivamos com nossas pesquisas e extensões; e, sobretudo, trazem à tona a discussão sobre a necessidade de se pensar o trabalho de campo para além do mero ato de *investigação*.

Esperamos, neste texto, atravessar por debates diversos que envolvem a pesquisa participativa/participante, embasando-a em nossas vivências de campo e nas leituras que tecemos sobre os territórios e sujeitos rurais do Vale do Jequitinhonha mineiro.

Ressaltamos, então, que cada sujeito pesquisador faz sua própria leitura do mundo, ainda que munido de conceitos, teorias e metodologias em comum. Conscientes da diversidade de olhares que o trabalho de campo traz a tona, os próximos dois tópicos deste trabalho procurarão promover um embate entre os olhares “diante do mesmo”. Cada pesquisador assinará seu tópico, reafirmando sua importância enquanto condutor da pesquisa, olhar próprio sobre uma realidade.

REVISITANDO O VISITADO: a cada encontro uma nova descoberta

Por Raphael Diniz

Desde o ano de 2010 venho realizando estudos nas comunidades quilombolas de Santiago, São Pedro do Alagadiço e Quilombo em pesquisas de iniciação científica e monografia de bacharelado do curso de Geografia (DINIZ, 2010). Dentre os principais motivos que me levaram escolher estes territórios para minhas investigações destaca-se a presença de sistemas agroflorestais nos quintais das propriedades, contendo uma diversidade significativa de culturas agrícolas, animais domésticos (aves, peixes, suínos, etc.), árvores nativas e saberes tradicionais associados aos diversos usos e manejos destas culturas e deste importante espaço de reprodução social da família quilombola.

Ao retornar pela quinta vez a estes territórios pude perceber que, por mais conhecidas fossem as famílias com as quais mantinha contato, sempre algo de novo era me revelado. Durante os diálogos que se davam entre um café e outro, após o almoço e o jantar, ou mesmo durante algumas *travessias* que fazíamos nas lavouras, quintais, *varedas*⁷ e remanescentes florestais, outros novos relatos passavam a ser confidenciais a respeito das comunidades e de sua gente.

Narrativas que nunca haviam sido feitas sobre a origem das famílias deste lugar, acerca de sua musicalidade e religiosidade, das reminiscências históricas ali existentes (como

⁷ Denominação popular dada a um terreno permanentemente alagado, cuja paisagem em muito se assemelha às *veredas* existentes no sertão mineiro, porém, sem a presença dos buritis (*Mauritia sp.*) que caracterizam este ambiente.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

o *pilão*, primeira e mais importante ferramenta de trabalho utilizada nestes quilombos), eram contadas pelos sujeitos visitados com toda espontaneidade e orgulho. Entre uma conversa e outra, os fatos eram descritos com uma riqueza de detalhes nunca antes vista, o que me fazia perceber que as entrevistas anteriormente realizadas (construídas a partir de roteiros pré-determinados) ainda estavam muito aquém do que poderiam significar e abranger.

Cada vez que novas informações surgiam, começava a supor que a minha presença na vida destes sujeitos já não era tão “estranha”. E a confirmação dessa suposição veio a ocorrer durante o momento em que fui “apresentado” no *Seminário* realizado na sede da ASPOQUI, em Quilombo. Ao ser convidado para compor a mesa do evento, fui identificado como um estudante de mestrado que estava trabalhando nas comunidades há mais de 4 anos (dois anos de pesquisa de iniciação científica e monografia e outros dois como discente do curso de mestrado), convivido durante vários meses com suas famílias e vivenciado junto com elas inúmeros bons e maus momentos. Por estes motivos, já começava a ser considerado um “morador” daquele lugar, como dissera a diretora da escola de Santiago, Maria dos Anjos.

Mesmo diante deste reconhecimento, não consegui superar a ansiedade e timidez em apresentar alguns resultados já obtidos em meu estudo sobre as comunidades. Preferia o contato “face a face” – os diálogos informais e espontâneos – a discursar com um microfone em frente uma plateia de mais de 50 pessoas. Enfim, entre gaguejos e palpitações, consegui expor de forma clara e objetiva um pouco do que já havia construído sobre aqueles territórios em meu estudo.

Após a abertura do seminário, ocorreu a formação dos Grupos de Trabalhos (GTs) que iriam discutir e propor algumas atividades a serem realizadas nas comunidades no decorrer do ano, além de elencar as demandas mais urgentes para encaminhamento às entidades competentes, como a EMATER/MG, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Câmara dos Vereadores.

Durante a organização dos GTs, fiquei encarregado de mediar o GT 1, que discutiu e planejou as atividades relacionadas às temáticas da *Cultura e Religiosidade*. Nathan Itaborahy, por sua parte, participou do GT 2 (*Produção Agrícola Diversificada e Assistência Técnica*), visto que já vinha realizando trabalhos ligados à estes temas em suas pesquisas acadêmicas e nas atividades com entidades ligadas à produção agroecológica.

Neste momento percebi que a presença de um companheiro em campo em muito poderia contribuir para a minha pesquisa, possibilitando-me agregar a maior quantidade

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

possível de informações referentes às discussões ali estabelecidas. Até este campo, todos os outros três realizados em meu mestrado foram feitos sozinhos, opção feita por acreditar que teria mais liberdade e flexibilidade para desempenhar meus trabalhos. De fato, acredito não ter me equivocado ao tomar esta decisão, pois em muitos momentos experienciei acontecimentos que talvez não fossem possíveis de serem vivenciados com mais pessoas ao meu lado. No entanto, há que se reconhecer que a presença de Nathan Itaborahy neste campo foi muito engrandecedora, tanto pelas discussões estabelecidas quanto pelo apoio que dera a mim e aos organizadores do evento.

Durante a formação do GT 1, busquei agregar alguns sujeitos que considere possuir muitos conhecimentos acerca dos temas a serem discutidos, como os membros do Conjunto da Marujada e as mulheres que estavam mais envolvidas com as celebrações religiosas das comunidades. Assim, após todos reunidos, iniciamos nossas discussões sobre a *cultura local*, procurando destacar o que havia sido perdido, o que se encontrava em vias de extinção e o que era realizado de forma frequente nas comunidades.

Dentre tudo que foi discutido neste GT, destaco uma atividade que se encontra extinta nas comunidades desde a década de 1980 e que, após o seminário, os moradores destes quilombos decidiram por resgatá-la. Trata-se da *maromba*, um trabalho em mutirão. Mas não é um simples trabalho coletivo realizado na roça, no qual se juntam dezenas de agricultores que vão “para o batente” na terra do vizinho. Considero, na verdade, que esta atividade significa tanto uma tradicional modalidade de trabalho quanto uma expressão cultural destes quilombos. A *maromba* consistia na reunião de vários homens e mulheres que, com muita cantoria e cachaça, iam para a roça de um agricultor e lá passavam o dia “quebrando o mato” e entoando canções que falavam do cotidiano de suas comunidades.

As cantorias, no entanto, não eram feitas por todos que estavam na *maromba*. Os *marombeiros* dividiam-se em dois grupos de quatro indivíduos, um que iniciava uma canção e outro que, em seguida, entoava a “resposta” cantada. Entre cantos e respostas, os quartetos iam ritimizando o serviço dos demais trabalhadores que permaneciam calados, estimulando aqueles que não conseguiam acompanhar o “pique” de seus companheiros e evitando que as atividades fossem realizadas sem qualquer ordem de tempo e espaço. O cantar durante o trabalho consistia, portanto, numa prática indispensável na tentativa de se tornar o serviço mais divertido e menos penoso.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Ao gravar algumas canções das *marombas*⁸, pudemos perceber que a sua melodia era entoada com certa melancolia e lentidão, expressando, muitas vezes, um canto chorado, plangente. Em todos os versos, a propósito, uma ou mais palavras eram cantadas com um contínuo prolongamento de uma de suas vogais, e, ao final, entoava-se novamente um longo “eeeeiiii”, “aaaaaiii” ou “oiaaaaai”, semelhante ao canto de aboio.

Serradô do mato grosso

1º Canto	{	<p>É de'vera meu patrãããããooooo, aaaaaaiiiiiiiii...</p> <p>Foi agora que eu chegueeeeeiiii, aaaaaaiiiiiiiii...</p> <p>Eu sôôôô serradô do mato grosso, aaaaaaiiiiiiiii</p> <p>Moça buniiiiiiita, Rusários branco, com uma medaia no pescoooooooooço... (bis)</p> <p>Se eu fosse um moço sorteeeeeeeeero, eu casava com essa moça</p> <p>Eu sôôôô serradô do mato groooooosso, aiaaaaaaiiiiiiiii</p>	
	}	<p style="text-align: center;">É de'vera meu patrãããããooooo, aaaaaaiiiiiiiii</p> <p style="text-align: center;">Assunta o que eu vô falááááá, aaaaaaiiiiiiiii</p> <p style="text-align: center;">Dandão, eu sô serradô do mato groooooosso, aiaaaaaaiiiiiiiii</p> <p style="text-align: center;">Moça buniiiiiiita, Rusários branco, com uma medaia no pescoooooooooço (bis)</p> <p style="text-align: center;">Se eu fosse um moço sorteeeeeeeeero, eu casava com essa moooooça, aiaaaaaaiiiiiiiii</p> <p style="text-align: center;">Dandão, eu sô serradô do mato groooooosso, aiaaaaaaiiiiiiiii</p>	Resposta

(Versos da música “Serradô do mato grosso” entoada durante as Marombas, Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Minas Novas/MG, janeiro de 2013).

Ao findar dos serviços na roça, todos marombeiros se dirigiam para a casa do agricultor que foi ajudado (chamado por “patrão”) e lá encontravam o recinto enfeitado com garrafas de cachaça e flores para continuarem suas cantorias, improvisando rimas e versos e entregando uma flor aos seus companheiros e companheiras.

Eu vô cantá meu verso, coração de maravia, essa flor é pro'cê, toma Maria!
 Deitei na minha cama, vô durmí um sono, essa aqui é pro'cê, recebe Antônio!

(Versos improvisados por marombeiros durante os festejos realizados ao findar dos serviços na roça, Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Minas Novas/MG, janeiro de 2013).

Por ser um trabalho coletivo que não envolve relações financeiras no pagamento dos serviços realizados, considero que a *maromba* contém em si parte do universo da *campesinidade*⁹ que caracteriza os *modus vivendi* e *operandi* dos sujeitos quilombolas, constituída por relações morais de *solidariedade*, *reciprocidade* e *afetividade* que criam fortes vínculos sociais e culturais entre seus membros e os tornam pertencentes a uma coletividade específica.

⁸ Após as gravações produzimos um pequeno vídeo com a letra e melodia de quatro canções entoadas em campo por uma dupla de ex-marombeiros. O vídeo encontra-se disponível para visualização no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=bJ8cEK9rB-s>>.

⁹ A *campesinidade* se revela numa expressão de ordem moral, num ethos que orienta as formas de conceber as relações dos homens entre si e com seu meio, assim como valores e princípios que orientam suas sociabilidades (WOORTMANN, 1990; BRANDÃO, 2004).

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Como dito por um agricultor em campo: “*isso [a maromba] não era por dinheiro nem nada, a pessoa ia práquê gostava*”.

Após a organização dos GTs no sábado, o seminário continuou no dia seguinte com a apresentação e aprovação de todas as demandas elencadas pelos participantes do evento, propondo, ademais, o estabelecimento de um diálogo mais próximo com as seguintes entidades: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, EMATER-MG e Câmara dos Vereadores.

Em seguida, ocorreu a apresentação do Conjunto da Marujada¹⁰, um grupo tradicional destes quilombos formado por tocadores de flautas, pandeiros, zabumbas e outros instrumentos de percussão. Com muita música e festa, encerrava-se o I Seminário organizado pela Associação destes quilombos.

Após retornar a Belo Horizonte, pude perceber que os momentos vivenciados em campo não me revelaram apenas informações que foram apropriadas na pesquisa, mas que me permitiram também desmistificar a imagem que muitos constroem do Vale do Jequitinhonha, de sua gente e de sua cultura. Não é apenas “o” “Vale” dos longos períodos de estiagem, da pobreza e da miséria... Muito pelo contrário, são “os” “Vales”, cada um com suas particularidades geográficas e históricas, culturais e ambientais, suas gentes e seus costumes, crenças e tradições...

Desse modo, a cada reencontro com estas comunidades percebo que o *real* que busco investigar passa a ser, cada vez mais, reconstruído ao longo dos diálogos estabelecidos com os agricultores e agricultoras quilombolas e das narrativas que eles me confidenciam. É um *real* que não se encontra presente apenas nas comunidades ou nos sujeitos com os quais dialogamos, mas, sobretudo, está em nós mesmos, em nossos valores morais e “científicos”, em nossa sabedoria e em nossa ignorância...

Portanto, não é um *real* descoberto no começo da pesquisa, muito menos em suas considerações finais, mas sim em suas infinitas *travessias*... Como afirmara Riobaldo Tatarana, em Grande Sertão: *veredas*:

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe pra gente é no meio da travessia (GUIMARÃES ROSA, 1956, p. 52).

GEOGRAFANDO MINAS GERAIS: chegadas, vivências e partidas

Por Nathan Itaborahy

¹⁰ Um vídeo com gravações das apresentações da Marujada foi produzido após a realização dos trabalhos de campo e encontra-se disponível para visualização no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=5IMF8TeLBkk>>.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Em dezembro de 2012 estive nas comunidades quilombolas de *Barra do Capão*, *Córrego do Engenho* e *Alto dos Bois*, localizadas no município de Angelândia, Vale do Jequitinhonha/MG, com um grupo de estudantes da disciplina “Geografia Cultural Avançada e Socioambientalismo”, lecionada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG. Apesar do pouco tempo em campo, tivemos o necessário para um primeiro olhar sobre a região, suas histórias e sua diversidade cultural e territorial, o que me estimulou a desejar o breve retorno ao Vale.

Foi assim que em uma oportunidade ofereci minha companhia ao amigo Raphael Diniz para o trabalho aqui explorado, numa ação que refletiu um entrelaço de responsabilidade e encantamento com as culturas diversas desta região. Percebi que minha pesquisa de mestrado também necessitava de algo mais: outros contextos socioespaciais e outros sujeitos que nutrissem minha volta a ela, me estimulavam a repensá-la. Dessas experiências surgem articulações possíveis, percepções comparativas, conflitos que nos diferenciam e nos aproximam.

Contudo, não passara por minha cabeça a ideia de que, além do encontro com as geografias dos agricultores do Jequitinhonha, me envolveria também com uma pesquisa em andamento e com um pesquisador a conduzi-la, à sua maneira. Com efeito, pude aprender com seus avanços e limitações, encontrar nos sujeitos de seu estudo sutis sinais de suas ações.

Procurarei, então, fundir estas questões ao evocar tanto questionamentos epistemológicos quanto existenciais. O olhar atento para a nova comunidade visitada é o mesmo que se devaneia nas ações do colega pesquisador. Ao comparar as comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha com as que estudo no município de Divino, acabo por comparar também nossas posturas diante delas, nossas atitudes de pesquisador no mundo. Penso, assim, não só na dialogicidade entre a ciência e os outros saberes em nossas pesquisas e extensões, mas também na própria dialogicidade do exercício coletivo de pesquisa e suas contribuições em nossas visões de mundo. Neste sentido, tentarei expor, através do meu *olhar* sobre as vivências, as *profundezas de nosso trabalho de campo*.

Geografias da Chegada: entre o estranhamento e o encantamento

Havíamos pernoitado do dia 16 para 17 de janeiro na cidade de Capelinha, que, apesar de não ser o município onde se localizam as comunidades estudadas por Raphael, era o mais próximo a elas.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

No dia 17, pela manhã, chegamos primeiramente na casa de Marciano e Beota, na comunidade do Quilombo, onde ficaríamos hospedados na primeira noite de campo. Na cozinha mesmo, onde geralmente todos destas comunidades costumam receber as visitas, fomos recebidos com café e requeijão moreno (iguarria produzida artesanalmente por Da. Beota), enquanto trocávamos algumas primeiras palavras e impressões sobre nossa viagem de Belo Horizonte ao Vale.

Talvez este seja o primeiro momento em que senti os efeitos da pesquisa-ação na relação entre Raphael Diniz e os moradores: percebi que falavam a “mesma língua” e que a barreira que os separa – constitutiva das diferentes trajetórias – havia sido superada¹¹. O pesquisador presenteou os moradores com pequenas lembranças, mas o fazia de maneira tranquila e segura, pois sabia o *que dava a quem*.

Era evidente a afinidade entre eles, não só no modo como se comunicavam – um esforço mútuo de, ao tentar se fazer entender, caminhar em direção ao universo do outro, distanciando-se dos próprios “lugares” – mas também pela reciprocidade que havia entre o “pesquisador” e o “pesquisado”. Sobravam assuntos e uns se embolavam aos outros. Lembrei-me de nossas dificuldades de comunicação nas primeiras pesquisas de campo e da confiança adquirida no trabalho de extensão¹² com a comunidade quilombola de *São Pedro de Cima*.

Fui muito bem recebido por todos os moradores em suas casas e quintais. Mas, devo dizer que muito disso se deve aos esforços anteriores de diálogo entre Raphael Diniz e as comunidades em sua pesquisa. Assim, eu era apresentado como “amigo do Raphael” e não propriamente pelo meu nome, ao menos nos primeiros dias. A isso somava-se o olhar para o novo, que muitas vezes poupa a fala diante do encantamento ou do estranhamento. Nos primeiros dois dias de trabalho, falei pouco e observei muito, também no intuito de não ser invasivo, de respeitar o tempo que é necessário para uma mínima aceitação de minha presença na comunidade.

¹¹ Aqui lembro, inevitavelmente, de Boaventura de Souza Santos (2006) e a emergência dos processos de tradução, o encontro de diversidades que potencializa uma compreensão maior de ambas as perspectivas, e, inclusive, pode revelar o potencial *contra hegemônico* dos sujeitos coletivos e seus saberes.

¹² O grupo de pesquisa e extensão “Da diversidade cultural à diversidade produtiva: a construção dos saberes necessários a transição agroecológica na comunidade quilombola de São Pedro de Cima” (CARNEIRO, 2010), formado por alunos dos cursos de Geografia, Ciências Sociais, História, Biologia e Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, dialoga há cerca de quatro anos com os moradores da comunidade localizada na zona rural do município de Divino (Zona da Mata de Minas Gerais), refletindo sobre seus modos de viver e ser naquele território. Devo dizer que, como participante do grupo, meu projeto de mestrado se contextualiza em nossa experiência na comunidade, sobretudo, compreendendo o conflito territorial entre o agronegócio e a agricultura familiar camponesa.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

Logo no primeiro dia, visitamos muitas casas. Raphael Diniz me apresentava, no caminho entre elas¹³, suas visões sobre a organização espacial das comunidades, sustentando-as na própria vivência ao longo dos anos de pesquisa nestas comunidades e nos relatos dos moradores. Era o encontro do desconhecido com o familiar sob nossos olhares. No entanto, sublinho que este exercício tanto me ofereceu informações importantes para um primeiro olhar sobre aquela geografia como também fez com que ele trabalhasse suas próprias sínteses e considerações de pesquisa, sobretudo diante dos questionamentos de outro geógrafo e estudioso de questões tão próximas.

Disso, por exemplo, brotaram interessantes diálogos entre nós. Pude fazer questionamentos que ele mesmo não fizera sobre sua pesquisa; mas ao fazê-lo também referenciava minha própria pesquisa, nossas perspectivas metodológicas e todas as questões levantadas em quase cinco anos de extensão. Assinalo, então, que deste trabalho emerge não só a importância do contato com o não familiar – a resistência quilombola no Vale do Jequitinhonha – mas também com o próximo, o pesquisador que vivencia dilemas similares e que encontra saídas teóricas e práticas que devem ser compartilhadas, que constituem o exercício da pesquisa-ação.

No segundo dia de campo, mantivemos a mesma dinâmica do dia anterior. Visitamos diversos agricultores e agricultoras; em suas residências bebemos bastante café e sempre fomos recebidos com muita abertura e cordialidade. Além das visitas, tivemos a oportunidade de registrar a produção do *beiju* de *Dona Maria Rodrigues* e a produção artesanal da *flauta de taquara* de *São Manoelzinho Moreira*, ambos moradores da Comunidade do Quilombo. Lembro, diante dessas situações, da importância de tais registros para nossos estudos e para a própria comunidade, mas, inevitavelmente, lembro também das diversas experiências de minha pesquisa que não foram registradas. Sinto que Raphael, com suas diferentes propostas metodológicas e postura em campo, me faz rever minhas próprias perspectivas, e retorno à importância do fazer coletivo da pesquisa que confronta visões e posturas, nos faz repensar nossas próprias verdades, discursos e ações.

Ao final desse segundo dia de campo, percebo os laços que aos poucos vão sendo construídos e a “familiaridade” que brota lentamente em minha relação com os moradores. Com isso, fui recordando os nomes dos mais próximos e me senti mais a vontade para falar e mostrar meus pontos de vista sobre alguns assuntos. No fim da noite, a qual antecederia

¹³ Damatta (1974) discorre sobre o “Anthropological Blues” se referindo aos diversos elementos que se insinuam no ofício do etnólogo – trabalho de campo – e que muito dizem sobre o grupo social estudado e **sobre nós mesmos**. Das conversas de canto de sala, momentos “entre-pesquisas” e dos acontecimentos inesperados, por exemplo, afloram-se sentimentos e percepções que muito dizem sobre os profundos sentidos da etnografia na vida do pesquisador.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

o *Seminário* da ASPOQUI, agradei a possibilidade da pesquisa em minha vida, repensando o verdadeiro valor dos trabalhos de campo na formação de um pesquisador.

Naquela noite, o gelado vento que soprava entre as frestas do telhado e da parede da residência do casal *Maria Rodrigues* e *Vicente Moreira* trazia consigo uma agradável e desafiante sensação de estar no lugar do outro, experimentando a *campesinidade* daquela gente e um distanciamento de meus próprios lugares. Geografias que são chegadas e saídas, “encontros e despedidas”, nas palavras de Milton Nascimento (1985). Um lugar que se faz do encontro de tantas trajetórias (MASSEY, 2008)¹⁴.

A participação como postura metodológica

Acordamos bem cedo, *como é de costume na roça*, no sábado em que o *Seminário* teria seu primeiro dia de encontros e debates entre os agricultores e agricultoras destes quilombos. Era também o dia da inauguração da sede da associação, bem limpa e acabada pelos seus membros. Vimos que, além deles, vários representantes de outras entidades estavam presentes, como da EMATER/MG, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do IEF, da ASCOPI (Associação Comunitária de Promoção e Incentivo aos Grupos de Produção Alternativa de Minas Novas), dentre outros envolvidos com as comunidades.

O evento foi construído e mantido com a ajuda dos membros da Associação. Assim, cada um doou alimentos para o café e o almoço e as mulheres prepararam a alimentação servida. Relembro, nestes instantes, da extensão em *São Pedro de Cima* e a tradição dos trabalhos coletivos no campo, seja nos mutirões de festas, na construção coletiva de casas e terreiros ou nos trabalhos na roça.

No entanto, se os moradores tinham o costume das organizações coletivas dos encontros comunitários, o faziam pela primeira vez naqueles formatos – com apresentação em *data show*, a presença de muita *gente de fora*, grupos de trabalho e atividades diversas – e naquele local, a nova sede. Senti nos olhares e falas dos sujeitos que organizavam o evento alguns tons de ansiedade e preocupação. A diretora da escola de Santiago, *Maria dos Anjos*, me questionou após sua fala de abertura: “*foi boa minha fala? Eu não sabia que abriria a reunião, fiquei nervosa*”.

Percebi que diante daquela situação poderia participar em algumas funções da reunião. Sem muita consciência disso, deixei o lugar de expectador do evento para ajudar em sua organização. Ao mesmo tempo, tentava registrar a reunião, fotografando e

¹⁴ [...] uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço (MASSEY, 2008, p. 190).

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

filmando, no intuito de contribuir com os objetivos da pesquisa de Raphael. Assumi uma postura mais propositiva, dando conta de que assim como ali estava para conhecer e pesquisar, poderia também intervir e participar.

Pela manhã, além da cerimônia de abertura, foram organizados alguns grupos de trabalho. Ofereci-me para participar do grupo “*Produção agrícola diversificada e assistência técnica*”, que discutiu os problemas da agricultura local e as possibilidades de planejamento para sua superação. Foram relatadas questões como a carência de uma assistência técnica mais atuante nas comunidades, diversos casos de problemas nos cultivos (doenças, pragas, etc.), demandas técnicas, dentre outras questões indicadas para a votação na plenária final.

Em minhas breves contribuições no grupo de trabalho deixei transparecer, sobretudo inspirado nos apontamentos de Paulo Freire em “*Extensão ou Comunicação*” (FREIRE, 1979), minha visão crítica sobre o extensionismo nos formatos tradicionais, que deposita pacotes tecnológicos sobre os camponeses, tratados assim como objetos do processo, e não seus protagonistas, tendo ignorado seus próprios saberes e histórias. Fi-lo, principalmente, usando o exemplo vivenciado no município de Divino (Zona da Mata mineira), onde os agricultores têm encontrado nos intercâmbios de saberes e sabores, “de camponês a camponês”¹⁵, realizados pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), a possibilidade de compartilhar e aprender sobre formas de cultivos mais saudáveis e diversificados; propor fontes alternativas de geração de renda no campo; trocar sementes e mudas diversas; festejar; e, sobretudo, se sentirem sujeitos de sua própria história.

De volta à reunião de planejamento, após o saboroso almoço servido por *Dona Beota*, encerramos os grupos de trabalho e fechamos algumas ideias principais para compor a votação da plenária no dia seguinte. Em seguida a este momento, assistimos ao vídeo feito por Raphael Diniz em uma de suas últimas vivências na comunidade: se tratava da produção do cuscuz, gravada por três dias na casa de *Séu Cirilo*, em Quilombo. Todos prestavam muita atenção e riam o tempo todo.

Vi que sua pesquisa proporcionava o *olhar deles para eles mesmos*. Era um tempo de autodescoberta e o pesquisador sentia os efeitos de sua presença e seu trabalho nas comunidades. Olho para a pesquisa, a partir do conhecimento do cotidiano de trabalho de Raphael Diniz e de seu envolvimento com as questões do Vale, com o olhar de quem se permite a emoção, permite ver até onde nos territórios da pesquisa pode pisar. Lembro que

¹⁵ Carneiro e Monerat (2012) tratam da experiência dos intercâmbios na comunidade quilombola de São Pedro de cima sobre olhar da pedagogia *paulofreiriana*.

Compreender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

só o olhar sensível é capaz de compreender o rural através das sutilezas do fazer, do amor pelas coisas e detalhes de cada processo.

A apresentação do vídeo foi sucedida pelos repasses dos GTs e do fechamento do primeiro dia do encontro. Dia de trabalhos, contatos, encontros com novos sujeitos. Ali passei a me sentir ainda um pouco mais “ambientado”, para valer-me de uma expressão bem geográfica. Para além disso, este dia representou a oportunidade de participar de uma reunião em que estavam em pauta questões sobre a fabricação de biojóias com sementes e materiais colhidos nos remanescentes florestais destes territórios, e, ao mesmo tempo, questões sobre a demarcação das terras pelo INCRA. Isso quer dizer, sob o meu olhar, que, assim como trago alguns exemplos e lições do trabalho em *São Pedro de Cima* e os compartilho nos GTs, levo também novas questões para compartilhar na comunidade em que realizo meu estudo de mestrado. Passo a ter, através do vivido, “pedaços do Jequitinhonha” em minha trajetória.

No último dia do seminário, as possibilidades de participação novamente nos convidaram a ação. O fato de estarmos em contato direto com o casal *Da. Beota e Séo Marciano* – que além de muito envolvidos com as questões da associação quilombola ofereciam sua casa para a produção dos alimentos – proporciona uma vivência dos “bastidores” da reunião. Foi assim que vimos a produção coletiva das refeições e oferecemos nossa ajuda. Pude também servir de um articulador dos espaços, conferindo se o café tinha acabado, se havia muita gente para o almoço, trazendo e levando alimentos e bebidas ou seus recipientes vazios.

Devo dizer que, mesmo isso acontecendo de forma natural e agradável, como todo trabalho coletivo nas comunidades rurais por onde já passei, é de fato uma virada na minha forma de perceber o lugar e de relacionar com os moradores. O trabalho permite a convivência, a conversa descompromissada, a brincadeira¹⁶. O trabalho sela as relações sociais no rural e experimentá-lo é ter acesso a um conjunto de valores sociais e modos de agir coletivamente. É, indiscutivelmente, uma forma de aproximação dos sujeitos e lugares de pesquisa. “Pesquisar-participar” (BRANDÃO, 1981).

Outro fato interessante é que durante plenária final faltou um digitador para as propostas, já que elas teriam de ser aprovadas e impressas ao final do evento. Como nosso

¹⁶ Clifford Geertz (1989) conta sua experiência etnográfica junto a uma aldeia balinesa. Após muitos desencontros e a sensação de indiferença e afastamento dos moradores, ele vivencia a chegada da polícia em uma briga de galos proibida. Após fugirem, ele e a esposa, junto com os moradores locais, se escondem na casa de uma deles. Curiosamente, passam a ser aceitos por eles, diante do medo compartilhado. Lembro que compartilhar as responsabilidades e incertezas da construção coletiva do seminário de planejamento nos colocou diante dessas situações, como a narrada por Geertz, que podem re-significar nossa presença em uma comunidade.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

próprio dia-a-dia de pesquisador exige a produção constante de relatórios, fichamentos e artigos, me disponibilizei a digitar as propostas. Mais uma vez o trabalho, mesmo que na forma de uma contribuição tão pequena, possibilita outra postura e outra relação com os moradores. Senti-me responsabilizado por cada palavra digitada, tentando traduzir as ideias debatidas.

Depois de muita conversa em torno das propostas, o evento foi encerrado pela *Marujada* – um conjunto musical tradicional das comunidades, que conta com caixas e flautas produzidas nas próprias comunidades – e muita dança (FIG. 4). A expressão de um povo que sorri diante dos problemas da vida, que prefere a celebração à lamentação¹⁷.



Figura 04 – Apresentação do Conjunto da Marujada no terreiro ao lado da sede da ASPOQUI, em Quilombo. Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG, janeiro de 2013.

No último café que tomamos por lá, *Fabiano*, presidente da Associação Quilombola, e *Maria dos Anjos*, diretora da escola da comunidade, agradeceram pelas ajudas na reunião, quando, na verdade, éramos nós quem deveria agradecer a rica oportunidade de estarmos ali presentes, afinal foram dias de muita reflexão e aprendizado.

Geografias da partida

Parecia a hora de ir, apesar de nossas vontades não dizerem o mesmo. Carregadas nuvens negras anunciavam a chuva por vir e resolvemos partir. A despedida de *Sêo Marciano* e *Da. Beota* e de *Sêo Vicente* e *Da. Maria Rodrigues*, que abriram as portas de suas

¹⁷ Em uma conversa com *Dona Beota* soube que até os velórios da comunidade são feitos de forma festiva, sempre com muita comida e bebida. Como ela me disse: “sempre recebi todo mundo com muita fartura aqui em casa. O dia que *en for*, quero que tenha muita coisa aqui!”

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

casas para nossa estadia, foram as mais emocionantes. Agradei cada momento e tamanha gentileza de cada palavra e gesto. Olho para mim mesmo durante a chegada e a partida e vejo a profundidade do trabalho de campo, seus efeitos em minha vida, meus pensamentos e projetos.

Carrego algumas *manaíbas* (ramas de mandioca), doadas por São Vicente para o plantio em Belo Horizonte; coloridos feijões-guandu presenteados por São Jamiro, morador de São Pedro do Alagadiço, e várias mangas maduras do quintal de *Da. Beota*, colhidas por sua filha. Carrego as histórias que ouvimos e fizemos naqueles dias. Geografias da partida. O brinde da diversidade espacial e cultural que se mistura aos nossos propósitos de vida e refaz constantemente nossas geografias.

Se cheguei como um estranho, saí como alguém que experimentou minimamente as riquezas do lugar e se apegou às suas histórias. Planejo com Raphael Diniz a volta em maio, para ajudarmos alguns agricultores na colheita do café cultivado em seus quintais agroflorestais, assim como pretendo fazer em minha pesquisa na Zona da Mata Mineira. Desejo o retorno, ou melhor, não consigo desejar outra coisa senão o retorno, como resposta ao envolvimento com os agricultores do Vale do Jequitinhonha.

Volto para casa, como sempre após os trabalhos de campo, repensando todo o sentido de minha vida. Estranho o barulho excessivo, a correria e a vizinhança desconhecida. Lembro que sair de nossos lugares é repensá-los, afinal, produzimos nossas próprias espacialidades, nossa própria política e modo de vida. Repenso também minha pesquisa, a responsabilidade de nossos investimentos acadêmicos. Brindo a oportunidade de conhecer pessoas de tanto trabalho e alegria de viver.

PRA NÃO CONCLUIR...

Por Raphael Diniz e Nathan Itaborahy

O *ponto final* é, pois, pretensão de acabamento: obra impossível e incompatível com a finitude humana. O *ponto final*, portanto, deve ser compreendido como circunstancial, como momento de pausa para a reflexão e para a crítica, como movimento insinuante (convite e apelo) na direção da crítica (HISSA, 2002, p. 168, *destaques do autor*).

Antes de finalizar este texto, faz-se necessário ressaltar que as reflexões aqui realizadas não tiveram a pretensão de esgotar toda a complexidade que envolve o trabalho de campo, sua importância em nossa prática científica e na vida das comunidades que estudamos. Neste sentido, este texto não traz o ponto final como um encerramento, mas

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

sim como uma pausa para refletirmos um pouco mais sobre o tema em debate. Não ousaríamos concluir algo que pretendemos continuar. Alguns dias de experimentação, diálogos e questionamentos só nos sugerem alguma continuidade, conscientes da importância desse encontro com o lugar do “outro”.

Por isso, entendemos que o trabalho de campo deve ser compreendido como uma oportunidade única de nos despir de todos os pré-conceitos que temos em relação ao “outro”, sobre seus costumes, sua cultura e sua comunidade. Mais: é momento de mistura, de encontro de perspectivas e visões de mundo; de reinvenção a partir do diálogo. Por conseguinte, o trabalho de campo se torna um momento de abertura para uma reflexão crítica sobre a nossa postura enquanto pesquisadores e produtores do conhecimento, permitindo-nos, então, questionar a ciência que idealizamos e construímos.

O trabalho de campo realizado no Vale do Jequitinhonha foi pensado e realizado de forma participativa e dialógica, convidando os sujeitos pesquisados a se tornarem mais do que “objetos” de investigação, mas protagonistas da pesquisa que produzíamos sobre suas comunidades. Por isso, a todo instante procurávamos estar atentos aos questionamentos e intervenções que os homens e mulheres, jovens, adultos e idosos faziam durante a pesquisa, pois considerávamos suas falas e opiniões elementos essenciais à desmistificação de nossas visões sobre determinados assuntos das comunidades e do Vale do Jequitinhonha como um todo.

A pesquisa participativa nos possibilitou, também, compreender um pouco mais sobre o modo de vida destes sujeitos, sobre seu trabalho, sua musicalidade e religiosidade, seus saberes acerca dos usos etnobotânicos, etnoentomológicos e etnozoológicos com fins medicinais e simbólico-culturais. A participação ativa e curiosa em várias atividades realizadas pelos agricultores e agricultoras quilombolas nos permitiu enxergar o Vale do Jequitinhonha além de uma visão estritamente economicista, como um local de “pobreza” e desigualdade social, mas, como uma região de expressiva *sociobiodiversidade*, onde os sujeitos rurais resistem e re-existem às dificuldades que lhes são impostas pelas invasões de terras, carência de serviços públicos essenciais à reprodução de suas famílias e pelas estiagens prolongadas, aprendendo a conviver com a “seca” através de um saber agroecológico que lhes permite escolher o que e como plantar em cada terra e estação do ano.

O trabalho de campo realizado no Vale do Jequitinhonha também se propôs a levar aos seus moradores todo o conhecimento que produzíamos sobre seus modos de vida, suas histórias, artes, músicas, saberes e sabores. Se nos preocupamos em tornar a pesquisa um

Compreender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

momento de extensão, fizemos isso por aquiescermos com o pensamento de Brandão (1981) destacado na epígrafe deste texto e com os versos da canção *Queremos Saber*, de Gilberto Gil (1976).

É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir (BRANDÃO, 1981, p. 12).

Queremos saber,
 O que vão fazer
 Com as novas invenções
 Queremos notícia mais séria
 Sobre a descoberta da antimatéria
 e suas implicações
 Na emancipação do homem
 Das grandes populações
 Homens pobres das cidades
 Das estepes dos sertões
 (QUEREMOS SABER, Gilberto Gil, 1976)

O trabalho de campo e a pesquisa, em nossas concepções, devem transcender a mera busca de informações para suprir nossas dúvidas, validar uma hipótese e concluir um estudo. Precisam ser, para além disso, uma oportunidade de compartilhar com os sujeitos pesquisados o conhecimento que eles ajudaram a construir e, por isso mesmo, necessitam ser considerados como *co-autores* de nossos trabalhos.

O conhecimento (re)produzido que permanece restrito aos periódicos acadêmicos ou nas monografias, dissertações e teses empoeiradas das prateleiras da biblioteca, muita das vezes só tem utilidade para quem o (re)produz, dando-lhe status e reconhecimento acadêmico. Para aqueles que foram “objetos” de estudo, este conhecimento permanecerá inacessível e incompreensível em meio a tantas teorias, conceitos e categorias utilizadas para sua análise, quando, na verdade, poderia servir de instrumento de poder para mudar a realidade dos lugares estudados, valorizar sua cultura, história e, sobretudo, os saberes de sua gente.

Não conseguimos crer em outra coisa que não seja o potencial emancipatório das pesquisas e extensões. E é por essa rara e generosa função social da universidade (e da ciência), na luta pela autonomia dos povos e seus territórios, que deixamos nossa bandeira aqui erguida...

REFERÊNCIAS

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-68, jul. 2006.

BRANDÃO, C. R. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 9-16.

_____. Sobre a Tradicionalidade Rural que há em nós. **O campo do século XXI – território de vida, de luta e de reconstrução social**. São Paulo: Casa Amarela/Paz e Terra, 2004.

CARNEIRO, L. de O. **Da diversidade cultural à diversidade produtiva: a construção dos saberes necessários para a transição agroecológica em São Pedro de Cima**. Projeto de extensão submetido à análise pelo CNPq (edital 58/2010). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2010.

CARNEIRO, L. de O.; MONERAT, J. C. P. Por uma Geografia do Oprimido: sobre pesquisa e a extensão agroecológica em uma comunidade quilombola. **ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, 21., 2012, Uberlândia. Anais... Uberlândia: IG/UFU, 2012. (CD-ROM).

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Cadernos do PPGAS**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1974.

DINIZ, R. F. **Cafeicultura quilombola em agroecossistemas sociobiodiversos do Vale do Jequitinhonha: estudo de caso nas comunidades de Santiago e Quilombo**, município de Minas Novas/MG. 2010. 128 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

_____. **Agroecossistemas e Sociobiodiversidade: territorialidades e temporalidades nos quilombos do Alagadiço, Minas Novas/MG [travessias...]**. 2013. 389 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. IN: GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. Tradução de Antonia D. Erdens. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 93-104, jul. 2006. Título original: Sans Enquête, pas de droit à la parole. 1978.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p.

Comprender para servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil
Nathan Zanzoni Itaborahy; Raphael Fernando Diniz

77-92, jul. 2006[1977]. Título original: L'enquête et le terrain: um problème politique por les chercheurs, les étudiants at les citoyens.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOURA, M. M. **Os deserdados da terra**: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.

POHL, J. B. E. **Viagem no Interior do Brasil**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. 417 p. Título original: Reise Im Innerm Von Brasilien.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. Título original: Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. 1830.

SANTOS, B. S. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SANTOS, B. S. (Org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SERPA, A. O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 07-24, jul. 2006.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Vol. 2. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. Título original: Reise in Brasilien: in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht, Zweiter Theil, München, 1828.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de Campo em Geografia. **GEOgraphia**, Niterói, n. 7, v. 4, p. 64-68, 2002.

WOORTMANN, K. Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, n. 87. Brasília: UnB, 1990.

Musicografia:

QUEREMOS SABER. Gilberto Gil. Álbum: O Viramundo. Gravadora: Universal, 1976.

ENCONTROS E DESPEDIDAS. Milton Nascimento. Álbum: Encontros e Despedidas. Gravadora: POLYGRAM, 1985.

Recebido para publicação em 07/07/2015

Aceito para publicação em 30/09/2015